



Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental

ISSN: 1415-4714

psicopatologiafundamental@uol.com.br

Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental
Brasil

Prado de Oliveira, Luiz Eduardo

Jeremias, criança, luta contra o autismo, a esquizofrenia e a paranóia

Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, vol. III, núm. 3, 2000, pp. 73-102

Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233018184006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Jeremias, criança, luta contra o autismo, a esquizofrenia e a paranóia*

Luiz Eduardo Prado de Oliveira

Desde sua formulação por Bleuler em 1911, a generalização do termo “autismo”, principalmente em consequência de sua utilização por Kanner em 1943 e de reformulações trazidas por autores de inspiração kleiniana, implica problemas que nos enganam, atrapalhando nossa percepção e compreensão das realidades clínicas. Nossas possibilidades psicanalíticas podem ser ampliadas por um conhecimento claro da história da psicanálise, uma abordagem dinâmica da classificação psiquiátrica e dos problemas relacionados com nossa concepção do enquadre. Baseado em uma história de caso, o autor mostra como uma criança e sua família elaboram os principais sintomas autísticos. Propõe-se também novas abordagens a alguns conceitos psicanalíticos.

Palavras-chave: Autismo, psicose, história, narcisismo, identificação, enquadre, psicanálise

1. Este trabalho é baseado em uma conferência proferida no Centro Hospitalar de Saint-Anne, em Paris, em 1997. G. Haag, A. Green e P. Williams participaram da discussão que se seguiu. Tendo sido publicado pela primeira vez no International Forum for Psychoanalysis, 8: 172-188, 1999, aparecerá em uma versão diferente em *A Language for Psychosis: The Psychoanalysis of Psychotic States*, editado por P. Williams, Londres: Whurr Books, 2001. A versão que apresento aqui é uma tradução de sua primeira publicação, reformulada em pontos importantes.

Tradução de Monica Seincman, revista e corrigida por L.E. Prado de Oliveira.

A psicanálise é uma maneira de pensar. Freud viu que sua maneira de pensar em seus pacientes não os ajudava muito. Começou então a pensar sobre si mesmo. “Conhece-te a ti mesmo” é o velho preceito. Mas pensou em si mesmo de modo bastante peculiar. Começou a pensar sobre seus sonhos, desejos, lembranças e começou a correlacioná-los. Viu que isso o ajudava com seus pacientes. Esta maneira de pensar sobre a vida é a base da psicanálise. Quanto mais difíceis nossos casos, mais a psicanálise implica a capacidade de brincar, manter um estado mental similar ao sonho, suspender o julgamento e apelar para um humor discreto, combinar poesia e ciência. A psicanálise é uma maneira de pensar nossa história pessoal e sua trama de desejo, sonho e linguagem. Entre desejo e sonho, situa-se a poesia. Entre desejo e linguagem, a ciência. O que foi história inconsciente torna-se história consciente, em consequência da lembrança e da reconstrução por meio da transferência. Durante este processo, os psicanalistas estão, simultaneamente, engajados em trocas entre si, todos os tipos de trocas, mas principalmente pela leitura e escrita. A psicanálise implica transferência, contratransferência e suas próprias formas de transmissão. É uma forma de pensar a vida que considera a possibilidade do sonho, as ambigüidades do desejo e a certeza da morte, assim como o fato de que os significantes e a linguagem nos dominam. Como sabemos, a ideologia freqüentemente preenche a lacuna entre a sabedoria ou conhecimento, por um lado, e a ignorância ou distração, por outro. Conhecer a história – a nossa própria, a de nossa disciplina e a da humanidade – nos protege dos riscos da ideologia.

Antes de nós

Andron paranoia (paranóia humana): assim começa a história, de forma demasiadamente humana. Começa com medo de estranhos, de forasteiros, de anjos, de nossos estranhos familiares, de nossos inimigos íntimos. A psicanálise ensina a reconhecer as ameaças geradas por nosso ser mais íntimo. Paranóia vem do grego “para”, que significa próximo, quase, também contra em dois sentidos: perto de alguém,

juntos, íntimos, mas também lutar ou guerrear contra alguém. “Noia” significa razão, compreensão, entendimento. Paranóia é, portanto, um termo composto usado para designar aquilo a que se confronta a razão ou a compreensão, em ambos os sentidos. As duas primeiras vezes em que esta palavra aparece são em “Os sete contra Tebas”, de Ésquilo, e em “Orestes”, de Eurípides. Na peça de Ésquilo, o coro tenta descrever a ligação entre Édipo e Jocasta. De acordo com a tradução de Buckley, “t’was frenzy linked the distracted pair” (“o distraído par estava freneticamente ligado”).

Frenesi é, aqui, uma tradução da palavra grega paranóia. Mãe e filho apaixonados, levados pela paranóia, vão até a relação sexual. Não podem entender sua loucura, já que lhes falha a razão. Atenção: não é que lhes falte a razão ou razões, mas que sua razão é outra. Na peça de Eurípides, a situação é completamente diferente. O coro descreve Orestes após a morte de Clitemnestra:

*Oh, 'tis the slight
Of impious sophistry putteth for right
The wrong: 'tis the sinner's infatuate folly*

(Oh, esta é a desfeita
Da ímpia falácia que tornou certo
O errado: esta é a loucura apaixonada do pecador)

“Loucura” é uma tradução para “paranóia”. “Androm paranoia”, ou errar humano – nossa incapacidade de compreender completamente o mundo, apesar de nossa pretensão em fazê-lo.

As duas primeiras ocorrências da palavra paranóia mostram que indicam um filho em relação tanto sexual quanto assassina com a mãe. Isso estabelece um paralelo estreito entre relação sexual e assassinato, implicando também que a insuficiência de nossa compreensão deriva de nossa relação com nossos pais. Digo pais, mais do que mães, já que não podemos negligenciar Laios e Agamemnon, juntos Jocasta e Clitemnestra.

Relacionado com estas considerações históricas sobre o conceito de paranóia está o fato de que o conceito de autismo aparece pela primeira vez ligado ao conceito de esquizofrenia. Em trabalho seminal sobre a demência precoce, Bleuler escreve:

... autismo é mais ou menos a mesma coisa que aquilo que Freud chamou de auto-erotismo. (1: 112, n. 80)
... Há um pensamento autístico normal que não precisa levar em consideração a realidade e sua orientação está determinada pelos afetos. As crianças brincam com um pedaço de madeira que representa um bebê, depois uma casa. (1: 474)
... também podemos encontrar uma distinção insuficiente entre imaginação e realidade.

de em uma falha de atenção, em sonhos e entre as crianças (1: 474) (tradução minha).

Na verdade, o autismo é um sintoma esquizofrênico fundamental e, mais ainda, para autores posteriores, para quem ele corresponde ao dismantelamento dos elementos psíquicos vinculados às experiências do corpo, tais como percepções, sensações, movimentos etc. Tal dismantelamento faz do sujeito um prisioneiro do mundo, pois sua própria subjetividade se torna inacessível para ele ou ela. Ele ou ela está, literalmente, “fora da si” e completamente identificado aos elementos dismantelados do corpo. Qualquer que seja a natureza destes elementos, o sujeito só consegue estabelecer relações parciais entre eles. Os elementos que permanecem soltos parecerão, desta maneira, para ele, persecutórios.

A genialidade de Melanie Klein está em vincular, em relação dinâmica, o antigo conceito de paranóia e o novo conceito de esquizofrenia, o antigo conceito de mania e o novo conceito de depressão. Adiantou também as noções de posição e elaboração como centrais ao entendimento das transformações de uma posição em outra. Melanie Klein não se serviu do conceito nosográfico de autismo. Deveria, pois, estar de acordo com Freud quando ele escreveu:

No entanto, o pensamento autístico de Bleuler de forma alguma corresponde à extensão e conteúdos do pré-consciente, nem posso admitir que o nome usado por Bleuler tenha sido uma escolha feliz.^{1,2}

A contribuição de Kanner para o conceito de autismo foi o seu foco exclusivo em crianças e na organização de seus sintomas por meio de observação sistemática. Entretanto, ele não parece oferecer novas descrições clínicas, se tivermos em mente as de Anna Freud e Melanie Klein. Sua imerecida celebridade como o criador do conceito de autismo, um *status* que lhe foi atribuído até pela Enciclopédia Britânica, é devido a fatores políticos em pelo menos três sentidos.

Primeiro, durante a Segunda Guerra Mundial, nenhum psiquiatra norte-americano ou britânico teria tido conhecimento das contribuições seminais da psiquiatria germânica e, se as tivesse, não teria ousado utilizá-las. Segundo, Kanner estava liderando a criação da psiquiatria infantil, como mostram seus primeiros tra-

1. Observe o leitor: o conceito de autismo de Bleuler não existe para Freud, que considerou, ao contrário, o “pensamento autístico de Bleuler”, ao menos à medida que este clínico não acompanhava o movimento psicanalítico, mas sim traçava seu caminho sozinho, com seus recém-forjados conceitos. “Autismo” não era um conceito para Freud e sim um nome próprio vinculado ao de Bleuler.
2. S. Freud. Introduction to J. Varendock’s “The psychology of dreams” (1921). London: The Hogarth Press, 1981; S.E. v. XVIII. pp. 271-272.

balhos.³ Antes de seus trabalhos sobre “Distúrbios autísticos de contato afetivo”,⁴ crianças esquizofrênicas ou psicóticas eram simplesmente consideradas “débeis mentais”.⁵ Terceiro, de suma importância; no Encontro de Psiquiatria de Richmond, nos Estados Unidos, Kanner se opôs fortemente àqueles que advogavam a eliminação física dos mentalmente doentes, inclusive crianças. As crianças “autistas” eram crianças “débeis mentais” que foram salvas por Kanner do extermínio nos Estados Unidos. O “autismo” era uma forma de sobreviver. E devemos lembrar que os “Muselmänner”, nos campos de concentração, que apresentavam tantos sintomas autísticos, também estavam tentando, a seu modo, sobreviver.

Apesar de tudo, de um ponto de vista acadêmico, é surpreendente que tantos psiquiatras e psicanalistas tenham um conhecimento tão escasso das origens do conceito de autismo e sua relevância para as pesquisas e teorias que desenvolveram. Conseqüentemente, nunca explicam seus motivos para considerar o autismo como um sofrimento completamente diferente da esquizofrenia, em vez de ser, como Bleuler sugeriu, um de seus sintomas principais. De fato, os psiquiatras e psicanalistas parecem tão à vontade com os conceitos que usam, que ignoram qualquer falta de congruência entre sua própria pesquisa e a de seus colegas. Em nenhuma outra disciplina tais liberdades seriam tão amplamente aceitas.

Bleuler, e autores como Kanner, Tustin e Meltzer, assim como muitos pesquisadores contemporâneos em saúde mental, nunca consideraram que o autismo é fundamentalmente devido a malformações ou disfunções orgânicas. A clareza da abordagem clínica em saúde mental requer que as crianças ou adultos considerados como autistas, cujos distúrbios são majoritariamente orgânicos, não sejam identificadas como verdadeiros autistas. Mesmo que, posteriormente em seus estudos, autores como Bleuler ou Kanner desistissem de suas pesquisas acerca das origens psíquicas do autismo, rendendo-se, desta maneira, ao canto de sereia das descobertas futuras na pesquisa orgânica, deveríamos tentar compreender estas mudanças, em vez de meramente subscrevê-las. Bleuler e Kanner estavam, mais provavelmente, desencorajados pelos fracassos de suas abordagens dos pacientes autistas; talvez não tivessem uma sólida estrutura de diagnóstico e pesquisa. Tustin e Meltzer tentaram dar prosseguimento à pesquisa acerca das origens psíquicas do autismo e da distinção entre os distúrbios autistas e os distúrbios orgânicos que têm um impacto sobre o psiquismo. Na pesquisa francesa contemporânea, um autor como Haag estabelece uma ligação íntima e estatística entre problemas autísticos e malfunção orgânica.

3. L. Kanner. Child psychiatry, mental deficiency. *Am. J. Psychiatry*, 1942-1943, 99: 608-610.
4. L. Kanner. Autistic disturbance of affective contact. *Nervous Child*, 1943, 2: 217-250.
5. L. Kanner. Exoneration and the feeble-minded. *Am. J. Psychiatry*, 1942-1943, 99: 17-22.

Hoje em dia, “autismo” é um termo usado com diferentes propósitos por diferentes especialistas. Neurologistas, psiquiatras e muitos pesquisadores em medicina usam “autismo” mais ou menos da mesma forma que “débil mental” era usado antes da pesquisa de Kanner. “Autismo” cobre um campo que não corresponde ao propósito seminal de Bleuler ou mesmo à pesquisa essencial de Kanner, mesmo que os pensamentos de ambos os autores possam ser o objeto de investigação epistemológica.⁶ Aqui, o autismo aparece misturado a problemas, que são, basicamente, neurológicos, originando-se no cérebro, no sistema nervoso central ou vinculados à coordenação motora. Eles podem ser considerados com tendo conseqüências psicológicas, mas não são tidos como essencialmente psicológicos ou tendo origem principalmente na relação pais-bebê. De fato, desde 1966, um autor como Winnicott apontou os riscos de confusão entre problemas orgânicos e autismo propriamente dito, assinalando também a natureza esquizofrênica do autismo.⁷

“Autismo” também é amplamente usado pelos psicanalistas kleinianos, que se apropriaram das primeiras proposições de Kanner. Neste caso (que bem pode ser o caso do uso precedente do termo), o autismo aparece como uma entidade nosográfica por si só, completamente diferente da psicose. Posteriormente, os psicanalistas lacanianos se responsabilizaram por pinçar as origens deste termo em Bleuler. Tentando, dessa forma, articular autismo e esquizofrenia ou paranóia, mas conforme a um ponto de vista estrutural, mais do que a uma perspectiva dinâmica ou econômica, o que os leva a manter o autismo como uma entidade singular, à parte da psicose, em vez de integrá-lo como uma de suas mais importantes manifestações.

Aplicando a noção revolucionária proposta por Klein de “posições”, em vez de entidades nosográficas definitivamente fixas e estáveis, rígidas mesmo, podemos conceber as “posições narcísicas ou autísticas”⁸ da mesma forma que concebemos as “posições maníaco-depressiva ou esquizoparanóide”⁹.

Quaisquer que sejam as nossas opções teóricas, freqüentemente a realidade virá desafiar-nos e exigirá que pensemos nela. A busca de coerência teórica em nosso campo de pesquisa será, ela própria, desafiada. O que deveria nos proibir de esquecer nossa história.

6. Por exemplo, quais eram as razões científicas para abandonar suas inovações psicológicas, se é que eram científicas? Nenhum dos dois nunca explicou estas razões.

7. D.W. Winnicott. *About autism, Thinking about children*. London: Addison Wesley, 1996.

8. L.E. Prado de Oliveira. *Freud et Schreber, les sources écrites du délire entre psychose et culture*. Toulouse: Eres, 1997.

9. Não devemos esquecer que Bleuler definiu o autismo como sendo a mesma coisa que Freud chamou de auto-erotismo. Com efeito, o autismo seria um tipo de auto-erotismo em que a necessidade substituiria totalmente o desejo, um tipo de auto-erotismo sem eroticidade.

Freud e seus seguidores – Abraham e Tausk, Klein e Mead, Searles e Lacan, Aulagnier e Perrier, entre outros – nunca pensaram que a deficiência orgânica pudesse ser a principal causa da psicose, ou mesmo um aspecto primário dos sintomas psicóticos, apesar de que estes podem aparecer quando distúrbios orgânicos ou genéticos estão presentes. Em outras palavras, a psicose corresponde a um funcionamento intelectual, afetivo e sensorial que obedece a mecanismos esquizofrênicos (cisões), paranóides (projeção) e exclusão ou forclusão (rejeição).¹⁰ Tais mecanismos vêm trabalhar a cadeia transgeracional à qual o sujeito psicótico pertence, assim como os significantes correntes em sua família, provocando ampla variedade de problemas, derivados essencialmente da exclusão ou da distorção dos significantes maiores relativos ao nascimento e à morte, à diferença entre os sexos e entre as gerações.

Atualmente, nenhuma abordagem clínica da psicose é concebível sem uma abordagem simultânea do meio em que vive o paciente psicótico; nenhuma teoria sobre a psicose pode ser aceita, se não for congruente com outras abordagens desenvolvidas durante o século. A incoerência conceitual em qualquer campo teórico implica um colapso na relação entre a teoria e a realidade, que inevitavelmente leva ao aparecimento da ideologia. A psicanálise não está, espontaneamente, protegida deste risco – bem ao contrário. A lembrança da história psicanalítica e a volta às observações clínicas, como o demonstraram recentemente Jackson e Williams,¹¹ podem ajudar a proteger a psicanálise do dano que a ideologia tão prontamente inflige.

A história de caso que apresento é uma tentativa de clarear algumas das ligações entre a esquizofrenia, a paranóia e o autismo. Não considero o autismo como uma entidade cuja origem orgânica já teria sido demonstrada, mesmo que tenha conseqüências orgânicas, que afetem principalmente os sistemas muscular e neurológico à medida que eles próprios são dependentes da atividade psíquica familiar.

Com efeito, a antropologia ou a sociologia podem ajudar mais do que a química na compreensão e na cura da psicose, pois que a psicose pertence à humanidade e não à “natureza”. A decisão de atribuir o cuidado do sofrimento mental principalmente à medicina é uma decisão política com conseqüências inesperadas para as sociedades humanas.

10. Seria fastidioso discutir aqui a origem freudiana do conceito lacaniano de forclusão e as implicações das diferenças entre ambos.

11. M. Jackson, P. Williams. *Unimaginable storms: a search for meaning in psychosis*. London: Karnac Books, 1994.

Conhecendo Jeremias

Começo pela descrição dos sucessivos enquadres do tratamento de Jeremias¹². No começo, tratei-o em um Centro Médico-Psico-Pedagógico em um rico bairro nos subúrbios parisienses. Seus pais tinham mudado recentemente para lá. Ao matricular o filho na escola local, foram aconselhados a consultar um psiquiatra de nossa Clínica, o qual, por sua vez, pediu-lhes que levassem o filho ao psicólogo. Ambos propuseram diagnóstico e orientação para esta família. É procedimento frequente na França, quando a criança apresenta problemas sérios. Quando deixei este centro e fui trabalhar em outro, em Paris, decidiram acompanhar-me. É uma opção dada à família, quando o analista troca uma instituição pública por outra. Os pais de Jeremias estavam habituados a fazer longas e distantes viagens terrestres, marítimas e aéreas. Levariam somente vinte minutos de casa até meu novo local de trabalho, se eu pudesse oferecer um horário conveniente. Mais tarde, decidimos que Jeremias viria a sessões regulares em meu consultório particular. O pagamento do tratamento foi, desde o começo, uma questão importante. Primeiro, como os pais se opunham a pagar e como Jeremias demonstrava claramente seu apego a mim, pedi-lhe que trouxesse algo de sua escolha. Começou trazendo-me nozes, conchas ou pedrinhas que pegava em seu jardim. Agora, me traz cédulas que os pais lhe dão antes de cada sessão. Também combinamos que não trariam o filho até minha porta, mas o deixariam na esquina, para que pudesse andar sozinho. Tudo isso é parte dos enquadres de seu tratamento.

Minha experiência clínica nos centros médico-psicológicos é muito diferente da que tenho em meu consultório particular. Seja psicanalista, psiquiatra, psicólogo, assistente social ou outra pessoa que trabalhe nos serviços de saúde nacionais, todos têm a obrigação de receber quem quer que seja que peça um tratamento. As pessoas que consultam esses centros vêm de diversas camadas sociais, comparativamente às pessoas que solicitam um tratamento em consultório particular. Para quem trabalha nele, o setor público oferece em consequência uma maior variedade de experiência clínica. Em meu consultório particular, estou muitíssimo protegido: tenho grandes paredes de barreiras culturais, sociais e econômicas em torno de mim. Mas não penso, de forma alguma, que a psicanálise seja definida por um quadro específico. Enquadres estáveis não estavam presentes no início do tratamento psicanalítico e nem sempre foram oferecidos em toda parte. Após muitos anos de

12. Certamente, não compartilho conceitos que se aferem à imobilidade do quadro geográfico e temporal como uma condição da psicanálise. A meu ver, a única condição imperativa é a capacidade do analista de pensar e sonhar, em voz alta ou não, com as criações de seus/suas pacientes.

experiência em uma unidade de emergência próxima a Paris, considero que a necessidade de estabilidade do enquadre é mais uma ilusão pessoal do psicanalista do que um dispositivo tecnicamente apropriado em grande número de casos. A psicanálise é em essência uma forma de pensar que sempre aborda o mundo de forma metapsicológica. Caso seja imperativo estabelecer uma diferença entre a psicanálise e a psicoterapia (coisa que Freud não fez), a meu ver, teríamos que a psicanálise é uma forma de pensar sobre o outro levando em consideração o que somos, nós mesmos, em nossos movimentos contratransferenciais, construindo em nossa intimidade um lugar para receber um estrangeiro, um forasteiro, que nos ajudará a ajudá-lo(a), caso o queira e quando o queira.¹³ Já a psicoterapia corresponde principalmente a uma forma de pensar sobre o outro e perceber seus movimentos transferenciais de um modo que negligencia a contratransferência, tentando ajudá-lo(a) sem considerar sua própria necessidade de se ajudar e seu ritmo próprios, supondo que ele ou ela realmente necessitam daquilo que trazemos e nada além.

Jeremias tinha quatro anos, quando o encontrei pela primeira vez. Os colegas que o encaminharam a mim escreveram que não estava claro se ele era mais esquizofrênico do que autista, ou vice-versa. Apresentar uma criança dessa forma pressupõe uma posição teórica, neste caso, separando autismo da esquizofrenia, e, simultaneamente, vinculando-os em oposição mútua. Os desenhos de Jeremias, que acompanhavam a carta de meus colegas, fizeram-me evocar as formas freqüentemente descritas por Tustin¹⁴, excetuando-se um deles, em que era possível decifrar uma esforçada tentativa de escrever seu nome. Este desenho consistia em borrões disformes misturados em cores diferentes em cima dos quais flutuavam rabiscos formando vagas letras, também em cores diferentes. Seu nome lembrou-me de um caso bastante divulgado de uma criança assassinada na França, particularmente porque meu jovem paciente nascera na mesma época do crime. Como soube mais tarde, esta era apenas uma primeira indicação da importância da morte na vida desta criança. Minha experiência com crianças autistas tem indicado que a morte está surpreendentemente presente para elas, mesmo antes de sua concepção e nascimento. Não apenas porque seus pais podem ter estado gravemente deprimidos, mas também porque não tiveram condições de elaborar experiências importantes de luto.

Pouco depois de ter recebido a carta de meu colega, recebi uma carta da mãe de Jeremias. Contava que os problemas de seu filho tinham raízes profundas, que se recusava a comer ou vestir-se sozinho, que não era de forma alguma autônomo e que seus dedos não tinham tonicidade. Relatava ainda que, seguindo o conselho

13. Veja-se meu artigo seminal, *L'enigme, l'étranger*. In L. E. Prado de Oliveira. *Schreber et la paranoïa: le meurtre d'âme*. Paris: L'Harmattan, 1996.

14. F. Tustin. *Autistic barriers in neurotic patients*. London: Karnac Books, 1986.

de seu professor, ela o estava ensinando a ajudá-la com a comida, atividade na qual ele se saía bem, chegando a preparar quiches sozinho, desde que ela tivesse massageado seus dedos antes. Quanto ao resto, escreveu, ele era completamente “louco”: batia a cabeça no chão ou contra as paredes, arranhava-se e mordida as mãos até se ferir.

Reagi considerando a probabilidade de um grave distúrbio de desenvolvimento, mas não uma verdadeira psicose infantil, já que o professor podia, pelo menos, mantê-lo em classe e a mãe parecia satisfeita com seus quiches. Quanto a bater a cabeça, mesmo que seja, sem dúvida, um sintoma psicótico, perguntei-me que angústias terríveis podiam levar uma criança a tais extremos.

No primeiro encontro com Jeremias, em minha sala de espera, meu coração ficou apertado. Andava de lado, “como um caranguejo” conforme descrito frequentemente por Haag^{15,16}. Também andava na ponta dos pés, desengonçado como um potrinho. Sua mão era frouxa. Não podia encontrar meu olhar nem fixar outra coisa qualquer. A cabeça parecia grande demais em relação aos ombros ou ao resto do corpo. A mãe hesitou em deixá-lo comigo, mas logo desistiu e enfiou-se novamente em seu livro. No corredor, Jeremias pegou minha mão, depois a soltou e correu na minha frente na ponta dos pés, agitando os braços ao redor, como se tentasse alçar um vôo improvável. Com aquela idade, ainda não falava, mas gorjeava como um passarinho. Às vezes, eu acreditava perceber o som de uma palavra. Mais adiante, trato desta questão de Jeremias como um pássaro.

Ao entrar em meu consultório, o menino achatou suas costas contra a parede em um canto da sala. As costas e o achatar-se tem especial importância. As costas são um elemento duro do corpo, como Deleuze apontou em seus comentários a respeito de Klein.¹⁷ As costas constituem como que uma concha e implicam proteção, defesa ou tranquilização, assim como as próprias paredes. Desta maneira, as costas podem indicar modalidades de presença parental. Achatar-se parece ser correlato de alguma forma de identificação adesiva, como esclareceu Meltzer.¹⁸ No entanto, o que aponto aqui como sendo identificação adesiva corresponde à minha experiência com crianças que expressam a necessidade de estar fisicamente em contato comigo, colocando a cabeça contra a minha ou seus corpos contra o meu, das mais diversas formas. Adultos também usam esses tipos de movimentos: na maior parte das vezes seguram minhas mãos ou, quando não há uma regressão

15. G. Haag. Autisme infantile précoce et phénomènes autistiques. *Reflections psychanalytiques. Psychiatrie de l'Enfant*, 1984, 27(2): 293-354.

16. Grille de repérage clinique des étapes évolutives de l'autisme infantile traité. *Psychiatrie de l'Enfant*, 1995, 38(2): 495-517.

17. G. Deleuze. *La logique du sens*. Paris: Minuit, 1969.

18. D. Meltzer. *Explorations in autism. A psychoanalytical study*. Clunie Press, 1975.

grave, fixam meus olhos ou meus movimentos. Olhar os olhos do outro pode ser uma forma básica de identificação adesiva. Todos precisamos fazê-lo, oscilando entre o reconhecimento da alteridade e o reconhecimento da identidade.

Klein nos convenceu de que cada simples gesto, postura, movimento, olhar ou ruído é significativo. Dolto seguiu-a. Como apontou Lacan em seu seminário sobre a lógica do fantasma, o próprio corpo é o primeiro significante. Para que adquira significado para o sujeito, deve ter sido antes significante para a mãe. Podemos facilmente entender que ela cria esta significância a partir de sua própria história e inconsciente, assim como de sua relação com o pai da criança e com as respectivas famílias.

Sentei-me e fiquei vendo Jeremias deslizar seu olhar errático sobre as coisas na sala, a janela, a luz emanando dos últimos raios do sol de verão, o espelho no qual estavam refletidos. Senti que eu não existia para esta criança, que provavelmente vislumbrava uma sombra, um vago contorno, ou foi isso que achei. Ele, por outro lado, existia para mim como um grande desalento, o pesar provocado pelas ruínas ou animais mortos. Jeremias passou o tempo avaliando o lugar, talvez comparando-o a outros lugares que conhecia, com seus sentimentos passados e atuais. Enquanto isso, eu me perguntava várias coisas sobre ele. Meu correspondente estava, evidentemente, correto. Aqui estavam todos os sinais de autismo conforme descritos pelos principais autores que li.

Preparei-me, então, para mais manifestações psicóticas de Jeremias, com mais elementos esquizofrênicos óbvios. Deprimido ante o pensamento de ter de contradição minhas próprias opções teóricas, deslizei meu olhar para a confusão de brinquedos em um canto do consultório. Os olhos de Jeremias seguiram meu gesto, fitando minhas mãos, até que viu os brinquedos. Precipitou-se sobre eles e se ajoelhou de quatro. Pegou um brinquedo por vez e os ergueu até que ficassem na altura de seus olhos. O movimento de levantar o brinquedo era acompanhado por um solavanco da cabeça para trás, como se precisasse usar o teto como fundo a fim de examinar o brinquedo. Repetiu várias vezes o movimento de afundar-se nos brinquedos e reerguê-los, para oscilar entre a posição em que os via do alto e, outra, em que os via de baixo. Este movimento é peculiar a um tipo particular de transferência psicótica que descrevi anteriormente em relação a Schreber.¹⁹

Fantasias de onipotência correspondem a um olhar que mergulha vendo o mundo e os seres humanos de cima, como Deus, enquanto as fantasias de queda ou de abandono correspondem a um contramovimento que vê o outro erguendo-se no céu infinito. As “Denkwürdigkeiten eines Nervenkranken” (“Memórias de um doente dos nervos”), o melhor livro jamais escrito na história da psiquiatria,

19. L.E. Prado de Oliveira. *Freud et Schreber, les sources écrites du délire entre psychose et culture*. Op. cit., 1997.

segundo Freud, tinha uma única ilustração, um esboço do serviço psiquiátrico em que Schreber foi admitido, visto de cima. O autor, no entanto, descreve seu permanente medo de ser abandonado por Deus e, para ilustrá-lo, oferece como exemplo um quadro em que mulheres e anjos ascendem aos céus, vistos da terra.

Jeremias parecia pegar os brinquedos de maneira onipotente e, depois, gradualmente, elevá-los a uma posição em que pareciam prontos a abandoná-lo. Eu olhava o menino, fascinado e triste. O jogo continuou por longo tempo. Então, para minha surpresa, Jeremias começou a organizar os brinquedinhos em famílias – a família elefante, a família urso, a família leão, a família gorila, a família humana etc. Fiquei contente e pensei que nosso jogo estava indo em boa direção. Jeremias apresentava, certamente, muitos elementos psicóticos, inclusive autismo, mas nunca utilizava alguma identificação projetiva excessiva ou destrutiva, nem uma identificação adesiva surpreendente. No entanto, meus sentimentos tinham, em grande medida, origens contratransferenciais, seguindo a transferência dele, que correspondia a esses tipos de identificações.

Esta sessão também revelou um Édipo incipiente, pronto a florescer. Ao final da sessão, disse-lhe: “Algumas vezes, achamos que seria bom sermos logo adultos, mas nos sentimos tão pequenos, como se fôssemos tão pequenos quanto imaginamos ser”. Penso, agora, que esta observação já implicava a designação de um mundo existindo em várias dimensões, mesmo que, a meu ver, essas não correspondam exatamente às categorias de Meltzer. Como sabemos, Meltzer refere-se aos dados espaciais, enquanto enfatizo os dados temporais, mesmo que ambos se misturem em alguns tipos de funcionamento mental, como no sonho.²⁰

O que eu disse a Jeremias implicava a distinção entre o que ele próprio era e o que ele gostaria de ser, como apontou Freud em seu trabalho sobre o narcisismo,²¹ o que implica diferenciações temporais claras. O que eu disse a Jeremias também estabelecia os fatos de que éramos capazes de pensar e que estávamos juntos. Essas são distinções temporais, que fazem sentido em termos de metapsicologia freudiana. No meu trabalho, anteriormente citado, indiquei que a teoria de Klein, assim como as de seus seguidores, insiste por demais nas referências espaciais, principalmente quando estas adquirem expressão corporal. Negligenciam, no entanto, por completo as referências temporais.

Naquele momento, falei a Jeremias principalmente para me tranquilizar, apesar de saber que isso me tornava presente de outra forma. O fato que me tenha

20. L.E. Prado de Oliveira. *Schreber et la paranoia: le meurtre d'me*. Paris: L'Harmattan, 1996. (principalmente pp. 287-288).

21. S. Freud (1914). *On narcissism: an introduction*. London: The Hogarth Press, 1981. pp. 80-81.

dirigido a ele permitiu-lhe, no mínimo, ouvir o som de minha voz – um elemento tão importante na análise de pacientes perturbados, sejam adultos ou crianças. Às vezes, a simples fala é mais importante do que o que é efetivamente dito. Filósofos que estudam música, declaram que a importância da voz vem do fato de que ela representa o fluxo do tempo.²²

Quando levei este menino de volta para a sala de espera, sua mãe agarrou-me. Queria saber como havia transcorrido a sessão e minha resposta de que tudo tinha ido bem não a satisfez. Tinha muitas coisas para me contar sobre o filho: ela precisava explicar os detalhes de sua educação, um acidente que lhe aconteceu etc. Senti-me estarecido. Posso ainda me lembrar da minha sequência de pensamentos. Meu primeiro pensamento foi: Jeremias deve sofrer muito com uma mãe tão invasiva. O segundo, tão banal quanto o primeiro: eis aqui a mãe de um psicótico, que invade tanto quanto se sentiu, ela própria, durante sua vida, invadida. A isto seguiu-se: eis aqui uma mulher que transmite sua esquizofrenia ao filho por meio de defesas históricas invasivas. Até que finalmente pensei: esta mulher sofre tanto quando está separada do filho, que este sofre com isto na mesma intensidade que ela. Sugeri a ela que deveríamos nos encontrar os três da próxima vez, o que foi prontamente aceito, para alívio meu. Evitei mencionar o pai nesta primeira ocasião, o que me pareceu particularmente importante, porque queria convidá-lo a reunir-se a nós no futuro e queria estar seguro de que ela não o impediria de vir, como acontece com tanta frequência. É importante inscrever o nome-do-pai em configurações em que a mãe e a criança parecem prontas a estabelecer uma aliança contra o resto do mundo. De fato, a experiência mostra que, quando um casal mais ou menos permanente é estabelecido entre mãe e filho, isso corresponde a uma dificuldade do pai e da mãe em criar seu próprio casal em diferentes momentos de sua história, a um ataque da mãe e da criança contra o pai, ou ainda a um enfraquecimento do pai. A experiência mostra que nossos pacientes com capacidades de sublimação pobres ou com uma pobre elaboração do complexo de Édipo podem, em alguma fase do tratamento, precisar de terapia conjunta. Pensar sobre isso em termos de “terapia intensiva de base psicanalítica”, em vez de fazê-lo em termos de “psicanálise propriamente dita... pode ser mais uma diferença semântica do que real” (para uma discussão completa sobre esses pontos a partir de diferentes ângulos, ver Wilson²³).

22. D. Charles. *Le temps de la voix*. Ed. Universitaires, 1978.

23. A. Wilson. A conjoint phase of treatment involving a severely disturbed adolescent boy and his father. *Psychoanal. Q.* 68(1): 21-51, 1999.

Jeremias, a mãe e eu

Como na ocasião de nossa primeira entrevista, Jeremias balançava-se nas pontas dos pés pelo corredor à nossa frente, agitando os braços. A mãe começou a falar dele com ansiedade, alegria ou desdém, em uma confusão de clichês e recusas patentes. Era difícil compreendê-la: dirigia-se a um interlocutor imaginário. Ao chegar em minha sala, sentamo-nos e Jeremias continuou com suas costas coladas à parede, o que mergulhou a mãe em total confusão. “Sempre faz isto comigo”, disse ela, preocupada e com desprezo. Tranquilei-a, sem me tranquilizar. De fato, o desprezo em relação àqueles a quem supostamente amamos é uma manifestação primária da psicose. Respondi: “É como Jeremias consegue conhecer o mundo. Ele é mesmo muito tímido. Da última vez que nos encontramos, ficou assim durante um tempo, depois brincou bem”. Eu pensava: “Não é com *você* que ele está fazendo isto”. Achando ao mesmo tempo que eu estava errado e que, de alguma forma, ela estava certa. Tinha medo de meus pensamentos, por implicarem que eu estava ficando consciente do fato de que, para cada um deles, havia uma diferença muito pequena entre os dois. E também que me sentia dividido. No entanto, esta diferença entre eles, por menor que fosse, também me mostrou, a partir de minha experiência com mãe e filhos, que eu estava sujeito a uma transferência e a uma contratransferência duais, mesmo que eu desconhecesse sua natureza. Também senti intuitivamente que minha única chance de tirar o melhor desta situação era harmonizar essas transferências, criando um espaço em que pudessem articular-se. Meu único instrumento para tanto era conseguir harmonizar minhas próprias contratransferências.

O pouco que falei à mãe colocou-a à vontade. Falou-me, por sua vez, da falsa timidez de Jeremias, argumentando que ele era muito teimoso e que sabia exatamente como conseguir o que queria. Esta resposta invalidava completamente minha observação: se o que ela dizia era a verdade, seu filho não era tímido e ela não aceitava o que eu acabara de dizer. Confirmava assim o fato de se apoiar na parede como um sintoma autístico de Jeremias e desqualificava minha afirmação, colocando o filho em posição tal que ser ou não ser tímido poderiam ser, simultaneamente, verdades.

Sua maneira de invalidar minhas afirmações mudou mais tarde, quando ela desenvolveu o que viemos a chamar de um “argumento-do-ponto-de-vista-teórico” que nos fez rir quando entendemos que esta era a maneira que tinha de procurar uma relação privilegiada comigo, enquanto recusava uma análise para si mesma. Por exemplo, quando declarou que discutíamos a necessidade de três sessões por semana para o filho – apesar de eu não estar ciente de que estávamos discutindo – afirmou estar de inteiro acordo comigo de um ponto de vista teórico, mas que, de um ponto de vista prático, eu deveria fazer exatamente o que lhe aprouvesse, seja

continuar com uma sessão por semana. A prática, concebida por ela, invalidava por completo a teoria, supostamente proposta por mim, apesar do acordo que ela manifestara em princípio.

Finalmente concordou com minha proposta uma vez que expliquei não estar defendendo nenhuma teoria em particular, salvo a necessidade de consistência e permanência emocional, ao passo que, se ela trazia a teoria para o primeiro plano, devíamos convir que algum grau de coerência entre esta e nossa prática é sempre bem-vindo.

Jeremias sempre nos escutava, continuando a brincar. Uma relação terapêutica mãe-filho temporária estabeleceu-se. Por alguns meses, continuei a ver a mãe de Jeremias face a face, enquanto o filho brincava com os bonequinhos ou com a água da torneira, tanto entre nós quanto em um canto da sala. Algumas vezes, vinha aninhar-se na mãe e ela ficava obviamente ambivalente em relação a isto, segurando e rejeitando o filho, animando-o e desprezando-o no mesmo movimento. Em outros momentos, quando minhas perguntas pareciam perturbar a mãe, irritá-lo ou atrapalhar os dois, ele me ameaçava com um de seus animais. Eu, então, pegava um outro animal e ambos lutávamos o tempo necessário para que a mãe e eu fizéssemos as pazes ou até que Jeremias voltasse ao seu próprio jogo. Mesmo quando se afastava, Jeremias ouvia atentamente o que dizíamos e como o dizíamos.

Uma vez por mês, o marido reunia-se a nós. Mesmo que este ritmo de encontros nem sempre fosse escrupulosamente cumprido, pareceu-me importante tê-lo estabelecido, e que, sempre que um encontro era cancelado, houvesse um questionamento. Nunca imponho regras rígidas em meus tratamentos, sempre deixo os pacientes decidirem seu próprio ritmo. Uma vez, porém, que este ritmo é estabelecido, cumpre-se respeitá-lo com os maiores escrúpulos e toda alteração é objeto de análise.

Bem depois, concluí que minhas conversas com a mãe e o filho haviam dado a Jeremias a oportunidade de elaborar a identificação adesiva e avançar na identificação projetiva, estabelecendo, assim, formas mais desenvolvidas de elaborar sua identidade (como diferenciada da identificação, de acordo com o que Perelberg estabeleceu²⁴).

Os exemplos de identificação adesiva são a prática de Jeremias, já mencionada, de grudar-se à parede, mas também seu jeito de agarrar-se aos pais. Um exemplo da transformação da identificação adesiva em projetiva é a prática do menino de trazer seus olhos bem próximos aos meus ao tentar atacar-me ou durante as prolongadas lutas de nossos brinquedos. Ambos os mecanismos começaram a

24. R.J. Perelberg (1998). The interplay between identification and identity in the analysis of a violent young man: issues of technique. Presented at the Société Psychanalytique de Paris. Forthcoming in *Int. J. Psychoanal.*

desaparecer após uma sessão em particular durante a qual Jeremias passou quase todo o tempo no banheiro. Quando lhe perguntei o que fazia lá, explicou que teve alguns problemas ao se limpar. O risco de ficar sujo durante uma sessão foi bastante trabalhado durante certo período de sua terapia. Menciono que isso estava ligado à elaboração da extrema violência revelada no relacionamento das famílias de nossos bonequinhos, sujeira e violência estando em geral intimamente relacionadas, tanto quando o sujeito as impõe como quando lhes são impostas.

Muitas das primeiras sessões com Jeremias e a mãe eram bastante difíceis. Esta mulher estava absolutamente determinada a me aniquilar e, no entanto, ao mesmo tempo, me idealizava. Ela falava tanto que me era difícil murmurar algo. A maior parte do tempo, não me olhava enquanto falava e, então, de repente, me encarava como se eu pudesse fazer milagres. Sempre pensei que fosse ficar louco ou me perguntava se não devia interrompê-la e mandá-la calar a boca.

Em certo momento, comecei a pôr em dúvida a base de minha abordagem. O jogo de Jeremias parecia regredir e ele se tornou incapaz de organizar os bonequinhos em famílias. Começou a empilhá-los e, então, demolir a pilha ou fazer com que um de seus animais de brinquedo a destruísse, o que me desencorajava. Algumas vezes, ele organizava os animais em totens, o que sempre me alegrava. Enquanto isso, a mãe prosseguia com suas cantilenas anasaladas, que me lembravam os gorjeios de Jeremias. Seu olhar era sempre fugidio, como o do filho, mas, enquanto o olhar de Jeremias deslizava sobre as coisas, o dela encontrava um objeto ou meu olhar e prontamente mudava para um outro ponto, como se saltitasse.

Enquanto isso, falava sobre tudo e nada – compras, vizinhos, o carro, como ela estava sozinha com Jeremias e como era raro o marido estar lá, como a casa era grande e difícil de ser mantida em bom estado, seus problemas com uma das professoras do filho que a aconselhou a consultar alguém para si mesma, sua simpatia para com outra professora que afirmara que coisas desse tipo eram inúteis. Houve vezes em que tive a impressão de que queria contar-me algo, que começava a fazê-lo, mas que, em sua extrema confusão e desejo de contar, alguma coisa súbito a impedia de continuar e ela perdia o fio do pensamento. Pouco a pouco, no entanto, comecei a achar que ela era capaz de encontrar o caminho de volta e recuperar este fio.

As sessões sempre acabavam com suas demandas de reassseguramento e com um encorajamento comedido de minha parte. Ela fez um uso maciço de mim como um seio-lixo, onipotente, ainda que reduzido à total impotência. Os totens de Jeremias me tranquilizavam, como também o fato de que, de vez em quando, a mãe mostrava-se capaz de não perder completamente o fio de pensamento. Tustin apontou, uma vez, como as formas (*shapes*) podiam ser produzidas a partir de massinha. Acho que há algo mais nessas formas (*shapes*): quando organizadas em pilhas, parecem pequenos totens. Os estudos de Freud a este respeito indicam que a cons-

trução de totens está relacionada com a elaboração de pulsões destrutivas dirigidas contra pessoas mais velhas ou contra os que amamos. Os totens também estão relacionados com o luto provocado pela morte destas pessoas, morte real ou imaginária, mas em nosso fantasma sempre decorrente de nossa própria agressividade. Assim, os totens de Jeremias significavam a elaboração de luto e da agressividade.

O pai e o nascimento do filho

O primeiro encontro com o pai e marido muito me surpreendeu. Apresentou-se como importante homem de negócios, o que de fato era. A esposa sempre se havia apresentado de uma maneira mais modesta. Desculpou-se por não ter vindo antes, mas, como diretor de um importante grupo, estava sempre viajando. Como lhe disse que não podia ajudá-lo sem sua própria ajuda e de sua mulher, prometeu fazer o que de melhor pudesse.

Esta é uma medida analítica essencial em certo momento: deixar claro para os pacientes, discreta mas firmemente, que não podemos ajudá-los se não tentarem nos ajudar a pensar sobre eles.

O que mais me surpreendeu com o pai é que parecia manter a mesma relação confusa e dividida com a díade mãe-filho que a mãe mantinha com o filho. Seu modo de falar, um misto de onomatopéias de desenhos animados, mímicas incongruentes e explosões guturais, o tornavam-no tão incompreensível quanto a esposa e o filho, apesar de mais engraçado. Agitava muito os braços de modo desordenado quando falava, o que me lembrou as tentativas de Jeremias de alçar vôo. Divertido, acabei por imaginar que não se tratava de um caso de esquizofrenia ou de autismo, já que todos na família falavam desta maneira bizarra, mas que era mais um caso peculiar de subcultura familiar. Muito freqüentemente, diferentes tipos de psicopatologia são apenas subculturas particulares, como mostrou Freud ao estudar a relação entre as obsessões e as religiões.

A tempo, também fiquei sabendo que este casal tinha recém-chegado à região parisiense pouco antes de me procurar. A criança havia nascido em outra grande cidade francesa. A profissão do pai sempre obrigou-os a se mudarem tanto dentro da França quando para o estrangeiro. Haviam tentado muitas vezes ter um filho, mas os vários abortos acabaram por desencorajá-los. Resolveram que ela tomaria pílula e assim que o fez, ficou grávida. “Não é engraçado, doutor?” – perguntou. “A pílula estimulou minha gravidez ao invés de impedi-la!”, exclamou um tanto alegremente. Não achei isso engraçado, muito pelo contrário, achei catastrófico tanto para esta mulher, concernindo a relação desta com sua própria mãe, quanto para o filho ao que deu à luz.

Percebi um conjunto de problemas presidindo a chegada desta criança ao mundo e senti a sombra da morte sobre ela. Se o conceito de estrutura significa algo

na vida mental, só pode ser a história transgeracional e suas ligações com a compulsão a repetir. O nascimento de Jeremias ocorreu em contexto de luto impossível, relacionado à grave doença e à inevitável morte de ambos os avós. O menino era, ele mesmo, o único sobrevivente de múltiplos abortos e estava destinado a tornar-se o redentor. Não esqueçamos as particularidades que rodeavam seu primeiro nome próprio.

Desta forma, a sombra do objeto caiu sobre o sujeito, segundo a definição seminal de Freud da identificação narcísica.²⁵ Esta mesma metáfora aparece anteriormente em seus escritos e indica a diferenciação entre as gerações, como já discuti em outro trabalho.²⁶ De fato, Freud escreve em relação ao luto e ao tabu da morte: “Se suas sombras caírem sobre alguém, esta pessoa ficará doente em seguida”²⁷. O objeto cuja sombra cai sobre o sujeito é bastante freqüentemente a fantasia familiar da morte de um antepassado, cujo luto nunca foi realizado. A experiência mostra que há uma relação íntima entre os problemas mentais das crianças e as dificuldades dos pais ou parentes próximos na elaboração do luto, como mencionei antes. Aqui enfatizo que a identificação narcísica não é principalmente, ou não apenas, uma relação especular, mas também uma relação transgeracional que envolve, ao menos, três pessoas, na qual uma delas está identificando ativamente a outra com a terceira pessoa morta, cujo luto não pode ser realizado.²⁸ De fato, penso que a divisão do sujeito em inconsciente, pré-consciente e consciente, assim como a estrutura RSI (real, simbólico e imaginário) adquirem consistência geral nova se à luz de fatores transgeracionais. A história dos avós e, mais geralmente, a dos ancestrais desempenha um papel importante na constituição do inconsciente. Meu pressentimento de uma catástrofe quando ouvi sobre todas as gravidezes fracassadas antes do primeiro nascimento estava longe de ser partilhada pelos pais de Jeremias. O pai de Jeremias o chamava de *ma biche*, para minha intensa irritação. Segundo eles, se Jeremias tinha problemas (menores, obviamente, de acordo com eles), era por ter espremido o dedo na porta de sua antiga casa ou porque tinham visitado mais de cem casas antes de decidirem qual comprar. E, para finalizar, nem foram capazes de se mudar imediatamente! “Isso tudo não ajudou nosso filho a se sentir seguro”, concluíram. E estavam certos, de um ponto de vista psicanalítico. No que me diz respeito, mais de cem casas, inúmeras mudanças e vários abortos são significantes de um universo fragmentado, em que se desmantelava o compor-

25. S. Freud (1915). *Mourning and melancholia*. London: The Hogarth Press, 1981; S.E. v. XIV. p. 249.

26. L.E. Prado de Oliveira. Etre seul avec un mort: solitude et identification narcissique. *Dialogue*, 129: 69-79, 1995.

27. S. Freud (1912). *Totem and taboo*. London: The Hogarth Press, 1981; S.E. v. XIII. p. 53.

28. Para uma outra abordagem, ver C. Bollas. *The shadow of the object: psychoanalysis of the unthought known*. London: Free Association Books, 1987.

tamento perceptivo, sensorial e motor de Jeremias. E um pai que chama o filho de “ma biche”, “meu Bambi”, está no mínimo perturbando suas possibilidades de identificação masculina.

Alguns elementos da história dos pais

Estas cisões estavam longe de serem as únicas que elaboramos. Ao longo de nossas conversas, fiquei sabendo que já a vida dos avós maternos de Jeremias havia sido sujeita a divisões poderosas. Seus avós maternos, vindo respectivamente de tradicional família socialista e de família católica fervorosa, tinham sido proibidos de se casarem. O jovem casal ignorou esta proibição e foi banido da vida de ambas as famílias. Nem um único membro de nenhuma dessas famílias contactou-os desde então, condenando-os a se retirarem em si mesmos, dentro de um tipo de autismo conjugal.

É extremamente importante que ambos os pais cheguem ao ponto em que são capazes de contar aos filhos as histórias de suas famílias, para que as crianças as conheçam. Não é apenas a narração que é importante, mas também o momento transferencial em que ocorre e o movimento contratransferencial que evoca. Cito Freud mais uma vez: “O amor parental que é tão comovente e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocamente, revela sua natureza anterior”²⁹. A psicanálise mostrou que as crianças não se identificam com o sistema consciente de seus pais, mas sim com o sistema inconsciente deles. Mas, provavelmente, qualquer narcisismo parental que reapareça na criança tem suas raízes no ressurgimento do narcisismo de seus próprios pais quando crianças. Daí a importância dos avós para as crianças e o imperativo de uma abordagem transgeracional.

No presente caso, as famílias dos avós na linhagem materna pertenciam a grupos tão tradicionalmente opostos quanto os socialistas e católicos. Estes tornaram-se então significantes de divisões que o novo casal herdava e que se somavam às suas próprias. Posteriormente, isso se repetiu com o próprio Jeremias. A experiência mostra que, qualquer que seja a natureza das diferenças entre dois grupos quaisquer, caso não sejam totalmente reconhecidas e elaboradas, manterão e reforçarão a atividade psíquica de cisão. Trabalhei com adultos e crianças nascidas de casais de formação judaica e muçulmana, de origem marroquina e argelina, de judeus asquenazitas e sefaraditas, de origem corsa e austríaca. Suas origens pouco importam. O essencial é que, ao constituir o casal, quem se preparava para encontrar a alteridade vê-se compulsivamente condenado a encontrar a semelhança, em in-

29. S. Freud (1914). *On narcissism: an introduction*. Op. cit.

versão esquizofrênica, em virtude da violência das cisões que viveram. Como se o esforço para encontrar muitas diferenças resultasse, paradoxalmente, em recusa de diferenças mais fundamentais, tais como diferenças sexuais ou diferenças entre gerações. Claro que as raízes da psicose não se encontram nas origens destes casais, ou na tentativa de diferenciação, ou mesmo no esforço de pensar a alteridade, mas sim no fato de que encontrar o outro é experimentado como transgressão, como se a alteridade fosse, na verdade, objeto de pensamento impossível. Esta impossibilidade, às vezes, aparece como seu contrário, como uma compulsão de repetição que leva ao estrangeiro, devido a recusas ou ameaças de punição derivadas de algo arcaico, oriundo de experiências masoquistas do grupo, da família ou do indivíduo, se não em todas elas. Ataques ao vínculo são sempre seguidos por funcionamentos mentais masoquistas poderosos. A cisão no casal, baseada na cisão em cada um de seus membros, os impede de criarem reciprocamente um escudo protetor, que se estenda aos filhos. O funcionamento inconsciente dos pais de Jeremias os impediu de atenuar suas identificações projetivas de maneira que evitasse grandes cisões. A elaboração da dor pode exigir maior dor, numa escalada cujo único fim é o sacrifício.

Por exemplo, quando a mãe de Jeremias chegou à adolescência, a doença de Alzheimer apareceu em seu pai. No fim da adolescência, a jovem não mais podia agüentar a situação e deixou a família para ir morar em Paris, onde continuou seus estudos universitários. Tendo obtido um diploma e um bom trabalho, resolveu que havia chegado a hora de descobrir o amor. Não teve sorte. Logo desenvolveu um tumor cerebral. Apesar da cirurgia bem-sucedida, teve de voltar para casa para ser cuidada por sua mãe, da mesma forma que o pai. Sua primeira experiência erótica pode ser compreendida como uma incorporação do pai doente. Esta incorporação acaba por tomar a forma de um nascimento imaginário, em que o órgão incorporado gera um tumor-bebê, que antecede seus posteriores abortos.

Tendo sobrevivido a esta prova, finalmente conseguiu casar-se pela primeira vez. Seu marido recusou-lhe um filho e ela expressou sua indignação com tanta força que, cheio dela, ele foi embora com a mulher de seu melhor amigo. Tudo bem! Ela e este amigo se consolaram mutuamente e acabaram se casando. O casal partiu em seguida para longe, onde esperavam viver felizes para sempre. A decisão de ter um filho os motivou a voltar para a França, mas, uma vez a decisão tomada, a esposa desenvolveu epilepsia – talvez como uma última seqüela do antigo tumor. Abortos e ataques epiléticos alternaram-se, então. Mesmo após o nascimento de Jeremias e apesar do cuidado que lhe foi dispensado, o pensamento de crises inesperadas na grande casa que haviam comprado bastavam para deixá-la em pânico. Essas crises tendiam a acontecer em antecipação às visitas de amigos e parentes – um paradoxo já que haviam comprado casa tão grande justamente para poderem receber tais visitas.

Ela nunca conseguia parar de se preocupar com isto e com outras coisas. Preocupava-se com o tamanho da cabeça do filho. Ou pensava que talvez os problemas dele fossem hereditários, um resultado das doenças da família, como as de seu pai, dela mesma e do avô paterno. Se pelo menos o pai de Jeremias pudesse estar um pouco mais com eles, pensava!

Você acreditaria que no Ano Novo, o pai de Jeremias estava no Japão e papai, mamãe e eu estávamos na sala, esperando que telefonasse. À meia-noite, pontualmente, Jeremias se levantou e foi em direção ao avô, chamando-o de pai. Você acha que ele sente falta do pai e que isto seja o problema principal?

Certamente, eu achava que o garoto sentia muita falta do pai. Também achava que uma fantasia incestuosa pairava sobre esta família, com seus problemas edípicos pobremente resolvidos.

Mais tarde, quando a análise de Jeremias estava bem encaminhada, a mãe pediu, de repente, um encontro urgente. A sogra dela, avó paterna de Jeremias, tinha marcado consulta para que seu neto fosse examinado por um neurologista, um neuropsiquiatra e um neurobiólogo, um depois do outro. “Ela tem estado sozinha desde que o marido morreu após uma longa doença – leucemia”, explicou ela sobre a sogra. “Ela achava que Jeremias devia estar seriamente doente, já que ambos seus avós tinham ficado muito doentes”. E acrescentou: “Se pelo menos ele fosse uma menina!” Aconselhei-a a não deixar que a sogra invadisse sua relação com seu filho dessa forma. Perguntei-lhe se não estava satisfeita com o progresso que estávamos fazendo. Insisti no “nós”.

Aqui, gostaria de abordar alguns pontos. Em primeiro lugar, sua fantasia de Jeremias ser uma menina está inscrita em uma reversão geral de sinais, tão comum nas formações esquizofrênicas: proximidade e confusão entre nascimento e morte, entre avós e crianças, entre masculino e feminino, calor e frio, amor e ódio etc. A posição autística paralisa ou atenua essas reversões e confusões. Pode também deslocá-las para motricidade ou para outras experiências periféricas do corpo. Por exemplo, uma criança autista vai tocar com as pontas dos dedos em vez de agarrar e segurar ou, ainda, vai andar nas pontas dos pés em vez de bater com os pés. Em segundo lugar, “ser uma menina” é também uma fantasia particular descrita por Fenichel em seu trabalho seminal sobre a equação entre menina e falo.³⁰

Uma abordagem metapsicológica permite compreender que o jeito dramático e engraçado de Jeremias andar e balançar os braços, que me fez pensar em um pássaro, pode ser entendido como obedecendo a uma múltipla determinação: cor-

30. O. Fenichel (1936). The symbolic equation: girl = phallus. *Psychoanal. Q.*, 1949; 18: 303-23, 1936. Traduzido do *Int. Zeitschr Psa.*, 22.

responde a um superinvestimento de experiências de desintegração, em tentativa de mantê-las juntas, sendo ao mesmo tempo sua expressão tanto da experiência de ser um falo para a mãe quanto da fantasia partilhada por ambos os pais de que ele podia ter sido uma menina. Em seu trabalho sobre as “Memórias” de Schreber, Freud aponta este fenômeno de sinais reverso e também que “pássaro” é um significante que pode substituir o significante “menina”.

Enfatizo, enfim, de um ponto de vista conceitual, que o “fundo perceptivo” do sujeito, descrito por Haag e também por poetas como Henry Michaux como um “pano de fundo ondular”, de acordo com nossa tradução, sempre inclui uma dimensão transgeracional, de modo que qualquer significante ou grupo de significantes ao longo da cadeia significante transgeracional pode ser inscrito a qualquer momento no aparelho perceptivo, sensorial, motor e psíquico do sujeito. “Pai”, “mãe” ou “avós” podem ser representados pelos órgãos corporais, funções ou sensações, por exemplo. Esta abordagem do conceito de espaço implica que ele seja construído a partir de representações de tempo. Os corpos são significantes de experiências temporais. Não são somente organismos, mas também são compostos de identificações, muitas das quais bastante arcaicas. Para a psicanálise, os corpos não são naturais, mas, sobretudo, significantes.

Em minha experiência, não há um único elemento dos campos perceptivo, sensorial ou motor, do corpo ou das funções corporais, cujo significado não esteja enraizado na história do sujeito, em sua subjetividade e em seu inconsciente. Não há representação espacial sem uma representação temporal simultânea. As primeiras representações de tempo são representações de ritmo e implicam espaço, assim como as primeiras representações de espaço implicam expansão e, portanto, tempo. Espaço e tempo estão em permanência intimamente vinculados.

Autismo e paranóia

Tentei indicar como o tratamento psicanalítico pode ser estabelecido com uma criança que, ameaçada pela esquizofrenia de sua família, se retirou no autismo como um meio de autoproteção. Interrogo Meltzer, Tustin, Haag e outros sobre as famílias das crianças que trataram ou tratam e sobre o trabalho que propuseram a estas famílias. Não acredito que crianças psicóticas possam sequer começar a resolver seus problemas, qualquer que seja a força dos dispositivos interpretativos e teóricos desenvolvidos ou a genialidade de seus analistas, se um trabalho concomitante não for realizado com suas famílias.

Jeremias nunca deixou de participar em todas as conversas com seus pais. Quando alguma coisa não parecia clara para mim no relato de sua mãe, dirigindo-me a ele, perguntava-lhe se tinha entendido. Em um primeiro momento, não parecia me ouvir; pouco depois, começou a responder, com grunhidos no início, em

seguida com sinais de cabeça. Depois, em nosso trabalho analítico conjunto, tornou-se capaz de ficar de pé, voltar-se para nós e responder com um firme “sim”, antes de retornar aos seus brinquedos. Seu “sim” por vezes indicava uma perplexidade irritada.

Conforme Jeremias foi amadurecendo, seu pai passou a vir, pouco a pouco, aos encontros com maior pontualidade. Opus-me a um fonoaudiólogo para Jeremias, a menos que considerassem que todos precisavam de um. Um dia, perguntei a Jeremias o que sentia quando o pai o chamava de “ma biche”, justamente quando estava se tornando um menino grande e forte. Foi extremamente engraçado, pois Jeremias se jogou sobre o pai, cobrindo-o de agrados. Desde então, o pai pensa duas vezes sobre o modo de se dirigir ao filho, creio. Uma criança que não precisa se retirar no autismo só tem uma solução, que é a de integrar a constelação parental de significantes antes de aprender como se livrar dela e criar sua própria constelação, o que é um processo bastante longo. O mutismo esquizofrênico pode bem significar a incapacidade de se livrar da constelação parental, em que o amor é castrófico.

As conversas que todos tivemos juntos formaram uma parte integral da análise de Jeremias. O objetivo era deixá-lo ouvir o fundo transgeracional de sua história para permitir que se libertasse de sua carga e começasse a pensar sobre sua própria vida por si mesmo. A mãe e o pai de Jeremias sempre concordaram em colaborar comigo, não evitavam minhas perguntas e eram, em geral, sinceros e dignos, engraçados e ativos. Nem sempre é isso que acontece nestas análises difíceis. Ainda me pergunto se cooperavam conscientemente ou se obedeciam algum conselho do professor de maneira jocosa e indiferente. O pai sempre me levava a crer que não acreditava muito em nosso trabalho e que estava simplesmente cedendo aos caprichos da esposa.

Aponto, agora, o que entendo como “psicótico” em relação a Jeremias e sua família. Em primeiro lugar, Jeremias mostrou, sem dúvida alguma, sintomas autísticos como parte de movimentos esquizofrênicos quando veio me ver pela primeira vez. Esses sintomas eram suficientes para deixar a professora preocupada e fazer um psicanalista experiente confirmar esta preocupação. Implicavam problemas motores graves, incapacidade de falar ou ter comportamentos cotidianos simples, como vestir-se ou limpar-se. Por outro lado, eram contrabalançados por uma qualidade extremamente boa de jogo e pelo uso que fazia de nossos brinquedos. No entanto, os adultos esquizofrênicos com sintomas predominantes autísticos podem ser muito hábeis em tarefas repetitivas, mesmo que sejam complexas, tais como resolver equações matemáticas ou outros tipos de problemas abstratos. Contudo, são incapazes de aprender com a experiência, como Bion mostrou. Felizmente, não era este o caso de Jeremias, mesmo que, de início, aprendesse com muito vagar.

Em segundo lugar, de várias formas, a mãe dele tinha e ainda tem um jeito ambivalente de entrar em contato com ele. Ela o pega e o repudia quase que simultaneamente. Fala sobre ele tanto como de um milagre quanto como de um objeto de desprezo. A constelação familiar e pessoal em torno do nascimento do menino e do nome dele era, certamente, estranha. De fato, foi sua mãe que me advertiu para não confundir o nome de Jeremias com o da criança assassinada, um ligeiro acerto separando os dois nomes, como “Jeremy” e “Jeremiah”, em inglês. A mãe de Jeremias sobrecarregou o filho com significantes de morte, em geral um sinal seguro de psicose em desenvolvimento. Apesar de tudo, realmente cuidava dele, ela esteve e continua a estar pronta e ansiosa para ser aconselhada e tentar seguir os conselhos, mesmo quando não concorde plenamente.

Em terceiro lugar, a qualidade da presença do pai de Jeremias não foi completamente tranqüilizadora. Parecia não levar as coisas a sério: sempre estava pronto a fazer uma piada, negando que assim procedia, e, então, de repente declarando que estava levando as coisas muito mais a sério do que se poderia acreditar. Seu jeito de ser sério fazia com que eu sentisse que estava brincando. Quando eu o exprimia, ele parecia aborrecido, mas não realmente preocupado com o que estava acontecendo, como se sua presença fosse simplesmente devida a um acúmulo de circunstâncias.

Todos nesta família se esforçam para ajudar Jeremias, apesar de não estar totalmente claro o que Jeremias significa para os pais e parentes. Jeremias terá de encontrar seu próprio caminho no meio de tantas contradições. Ele vem lidando bastante bem com isso e acredito que continuará assim sem se deparar com maiores entraves, pelos menos até a adolescência, até a descoberta da sexualidade erótica e a separação com os pais. Devo também apontar que mesmo que esta família apresente muitos sinais de psicose, são todos inteligentes e sensíveis. Com muita frequência esquecemos que os psicóticos, como qualquer um de nós, são mais ou menos inteligentes, mais ou menos sensíveis, que possuem as mesmas qualidades humanas ou erros que contribuem para forjar nossas vidas ou destinos específicos, que nos dão uma pior ou melhor possibilidade de lidar com nossas dificuldades. Além de ser um diagnóstico clínico, a psicose pertence à banal loucura humana.

Tustin faz uma observação clínica pertinente quando assinala que, sempre que encontra uma criança autista, uma mãe deprimida não está longe, e que, quando encontra uma mãe deprimida, há com certeza um pai ausente.³¹ Posso acrescentar que, com grande frequência, esta depressão não é manifesta e pode esconder-se por trás de uma aparência alegre e bem estabelecida, assim como a ausência do pai pode ser, não uma realidade, mas um modo ausente de estar presente. Em cada

31. F. Tustin. *Autistic barriers in neurotic patients*. Op. cit.

ocasião, devemos considerar toda a constelação familiar, incluindo os avós paternos e maternos, por onde circulam importantes significantes do simbólico e do imaginário. Cada vez, devemos considerar a inscrição simbólica, imaginária e real daquilo que um pai, uma mãe ou uma criança significam uns para os outros.

A experiência mostra que a diversificação dos níveis do aparelho psíquico ou das modalidades da linguagem em uma criança que sofre de psicose precoce altera a natureza da transferência, acompanhando uma mudança na contratransferência, o que requer que uma variedade de tratamentos seja colocada à disposição das famílias nas quais tal psicose aparece. No caso de Jeremias, tornou-se pouco a pouco possível dirigir os pais para uma orientação familiar, e, em seguida, para uma psicanálise individual para a mãe. Ela resistiu bastante a esta abordagem, acabou aceitando e, apesar de nossas múltiplas precauções, no final das contas abandonou sua análise.

Sessões com Jeremias

Devo lembrar, aqui, algumas de minhas experiências com Jeremias. Este menino tranqüilizou-me constantemente em relação aos seus impulsos perigosos. A qualidade de seu jogo nunca parou de se desenvolver, mesmo quando minhas intervenções diretas durante este período foram raras e voltadas para que conversássemos sobre seu jogo. Seus totens sempre me foram de um grande estímulo. Outras crianças os constroem com massinha ou pelo desenho de círculos um em cima do outro. Como já foi assinalado, Freud, em “Totem e tabu”, sugeriu que os totens expressam os elementos paranóides do luto, o que implica, no mínimo, alguma tentativa de organização da experiência de perda. A experiência clínica mostra que os pacientes esquizofrênicos podem passar por um luto autístico com fantasias de manter um ou vários cadáveres embalsamados no inconsciente.

Durante muito tempo, o jogo de Jeremias obedecia a uma compulsão de repetição estrita: fazia uma pilha de brinquedos e, depois, a demolia. A origem da explosão podia variar, porém, uma vez a pilha espalhada por toda a sala, ele os juntava e reconstruía a pilha. Eu o ajudava a reuni-los, expressando meu pesar a respeito dessas explosões e tentando ligar esta violência a outras cenas, palavras ou sentimentos que seus pais me haviam contado. Algumas vezes Jeremias pegava um brinquedo e o colocava debaixo da água. Eu lhe dizia que estava cuidando dele, tentando curá-lo. Parecia aceitar isso. Gradualmente, essas explosões se tornaram lutas entre um ou mais bonequinhos. Eu pegava a família do gorila e afirmava, muito sério, que os gorilas não lutam, mas resolvem as coisas e, de certa forma, conversam uns com os outros. Pelo menos duas cenas foram assim criadas: uma na qual brincávamos, a outra na qual nossos personagens – deveria dizer nossos objetos – encontravam-se. Os personagens de Jeremias encontraram-se em violento comba-

te, acompanhado por diferentes barulhos explosivos e gritos, enquanto os meus refletiam e comentavam estas batalhas. Tentei, desta maneira, criar um espaço adicional dentro do espaço da sessão. As identificações projetivas destrutivas de Jeremias foram assim dirigidas para o jogo. Quando resolvia me atacar, atacava o papai gorila, a mamãe gorila e os filhinhos gorilas, ou todos eles. Falamos, então, sobre isso e ele pareceu bastante interessado. Muito raramente atacou-me fisicamente e, quando o fez, abracei-o para contê-lo.

As sessões com Jeremias eram freqüentemente exaustivas para mim. No final de uma delas, ouvi Jeremias dizer com clareza que os animais estavam muito cansados e que iriam dormir no quentinho até a próxima sessão. Pouco depois, Jeremias veio para a sessão doente e abatido. Desde o começo ele fez da família de dinossauros seus personagens favoritos. Havia um papai-sauro, uma mamãe-sauro e um bebezinho-sauro que estava ainda saindo do ovo. A solidez destes brinquedos lhes permitiram resistir aos numerosos ataques de Jeremias, especialmente contra o bebê-sauro, que ele batia ou jogava regularmente contra a parede ou no chão, pisando-o com força. Intervim, contando para Jeremias que talvez ele achasse este bebê irritante, pois não conseguia nascer e que queria ajudá-lo a sair da concha.

Uma outra vez, sugeri que ele se sentia aborrecido por todos aqueles bebês que não tinham nascido antes dele e que queria que estivessem mortos para sempre, em vez de mantidos vivos no coração de sua mãe. Ainda em outra ocasião, sugeri que ele realmente queria matar todos os bebês que sua mãe não mais teria, e que quando ele batia a cabeça contra a parede, se machucava para se sentir vivo, porque todos os bebês que sua mãe perdeu o haviam tornado muito triste e o fizeram pensar que ele também deveria ter morrido. Depois de ter dito isto, o papai-sauro foi obrigado a sair de cena e a mamãe-sauro voltou-se para o bebê e disse: “Tome cuidado ou eu te arranco o pepino!” Ambos ficamos surpresos com esta expressão, que fez com que Jeremias risse muito com o que havia acabado de fazer a mamãe-sauro dizer. O significante “pepino” implica a noção de “pipi”, logicamente, e do órgão correspondente.³² Falamos sobre isso. Mas também o casal de gorilas perguntou-se o que significava, por um lado, “arrancar o pepino” de alguém, e, por outro, uma mãe ameaçar seu bebê desta forma. Os filhos gorilas perguntaram aos pais se a mãe podia querer matar o seu próprio filho ou se o filho podia ter a impressão de que a mãe quisesse matá-lo. A mãe gorila disse que, se o papai-sauro

32. De fato, a situação é um pouco mais complicada. Lembrem que esta análise teve lugar na França. O significante não é “*peanuts*”/“*pepino*” (em português, logicamente não uma tradução literal), mas “*cacahuètes*”, que, certamente, implica “caca” (“cocô”). Neste contexto, no entanto, o que estava implicado e que foi apontado por Jeremias eram “as bolas”. Podemos nos perguntar a respeito de uma cunha entre “cocô” e “as bolas” ou sobre a degradação do pênis em “cocô”.

fosse embora com muita frequência e por muito tempo, a mamãe-sauro ficaria tão triste que pensaria que ela e o seu bebezinho iriam morrer.

O papai gorila acrescentou que os filhos, em geral, ficavam tristes de estarem sozinhos com a mãe, que os filhos frequentemente se preocupavam com suas mães e com seus pais. Às vezes, os filhos perguntavam inclusive se seus pais não estariam mortos quando viajavam. Jeremias ouviu estas conversas com curiosidade crescente. Perguntou-me então se podia brincar com meus personagens e, desta vez, deixei. Então, deitou o papai gorila em cima da mamãe gorila. Disse-lhe que todas as nossas conversas anteriores tinham sido muito interessantes, mas que o que ele realmente queria saber era o que os pais faziam juntos na cama de noite, quando o pai voltava de viagem.

Jeremias me respondeu com voz insegura, mas compreensível: “De forma alguma, nem de longe. O que quero saber é como os bebês são feitos”. Um paciente meu adulto, um homem com uma carreira política importante, mas cuja paranóia não foi solucionada, considera um delírio psicanalítico e médico acreditar que os bebês nascem de um casal. Pensa que os bebês nascem de si mesmos, o pai e a mãe só servindo como abrigos temporários. Acho que neste ponto específico da sessão, Jeremias emergiu de sua paranóia o suficiente para entrar em uma situação problemática, mas claramente edípica. Piera Castoriadis Aulagnier mostrou que o sujeito em posição paranóide organiza duas díades, mas nunca as transformam em relações triangulares.³³ O sujeito paranóide sobrepõe as duplas pai-filho ou mãe-filho, mas pode conceber apenas ódio entre a mãe e o pai, finalmente voltando seu ódio para o filho a fim de adquirir uma ilusão de se amarem um ao outro.³⁴ A impossibilidade de inscrever o nome-do-pai resulta em assassinato da alma, como descrito por Schreber durante seu episódio paranóide. Minha última intervenção nesta sessão também mostrou-me como, por meio de meus gorilas, me tornei para Jeremias um continente para uma relação pai-mãe não perigosa e para a cena primária. Daí em diante, Jeremias poderia começar a ser simplesmente um menininho curioso a respeito da vida.

Mais tarde, Jeremias participou de uma psicoterapia psicanalítica de grupo de crianças, enquanto continuava sua análise comigo. Quando chegou para a primeira sessão em grupo e colocou suas costas à parede, cheguei à conclusão de que isto tinha-se tornado manobra sedutora. A imagem de Anthony Perkins irrompeu, repentinamente, em minha cabeça, assim como seu lugar específico na história do cinema como ator de “Psicose”, de Hitchcock. O assassinato da mãe ou a identifi-

33. P. Castoriadis-Aulagnier. *La violence de l'interprétation: du pictogramme à l'énoncé*. Paris: PUF, 1975.

34. A obra de Mozart, e em particular sua *Zauberflöte*, traz à nossa mente estes casais com um destino quérulo.

cação com a mãe assassinada volta incessantemente na análise tanto de adultos quando de crianças psicóticas, como mostrei em outro trabalho.³⁵

Cinco anos se passaram e Jeremias continua sua análise. Recentemente, ele construiu um navio de massinha. Chamou-o de “estranho navio dos estrangeiros que vão descobrir novos mundos”. Disse que era “um navio muito esquisito”, mas “muito bonito”. Todos os nossos animais vieram visitar o barco, que transformou-se assim em arca de Noé. O pai de Jeremias partiu, há pouco, em longa viagem profissional, que o levou da Índia para o México. Certamente, contou histórias para o filho. Além disso, naquele momento, o país atravessava uma crise de racismo, com freqüentes reportagens nas televisões e nos jornais a este respeito, os estrangeiros lutando, com o apoio de muitos autóctones, para terem suas situações legalizadas. Jeremias também me perguntou sobre o país de onde eu vinha. É sempre interessante elaborar este material em nível transferencial e contratransferencial.

Descrevo uma sessão em particular que abriu caminho para seqüência muito criativa. Meu computador fica em cima da mesa em um canto do consultório. Está sempre ligado, mesmo quando a tela está apagada, mas o salvador de tela vai aparecer caso o mouse for tocado. Foi o que fez Jeremias: andou até o computador e mexeu com o mouse. Também tenho um dispositivo instalado que muda o salvador de tela a cada um ou dois minutos. Jeremias assistiu a uma sucessão de mudanças. Perguntou-me se era possível manter um salvador de tela específico no qual a câmera percorre um corredor com monstros que aparecem ao acaso. No início, estava bastante relutante em deixá-lo brincar com o computador e tentei trazê-lo de volta para nossos brinquedos habituais, mas ele estava decidido a usar este novo brinquedo, então deixei que o fizesse. Fitou bastante a tela e, enfim, me perguntou se sabia quem é que estava fugindo, correndo pelos corredores. Na verdade, não tínhamos razão alguma para supor que houvesse alguém fugindo. Achei que pudesse usar este material como livre associação e respondi que não sabia, mas que, talvez, ele próprio tivesse alguma idéia a respeito. Jeremias disse achar que era um menininho que estava fugindo. Perguntei-lhe do que e respondeu estar fugindo dos pais. Perguntei por que estava fazendo uma coisa dessas e respondeu que os pais deste menininho o estavam deixando louco com suas idéias e discussões, o que tão terrível que o menino preferia enfrentar os monstros. Perguntei se não era a mesma coisa, ter de enfrentar estes pais ou ter de enfrentar os monstros. Retorquiu que “não”, que o menino podia lutar contra os monstros, mas que era muito difícil lutar contra os pais. Disse-lhe que compreendia seu ponto de vista e perguntei se conhecia algum menino naquela situação. Jeremias hesitou. Respondeu muito rapidamente “sim”, depois “não”, depois “sim” de novo e mais uma vez

35. L.E. Prado de Oliveira. *Freud et Schreber, les sources écrites du délire entre psychose et culture*. Op. cit.

“não”, várias vezes. Perguntei ainda se podia imaginar este menino. Retorquiu que sim. Perguntei como ele era e me respondeu que, na verdade, o menininho parecia-se muito com ele. Em uma sessão posterior a esta, perguntei-lhe se lembrava de quando falamos sobre os bebês mortos e sobre arrancar o pepino e me respondeu que sim. Acrescentei que todo mundo teria medo de bebês mortos e de pepinos arrancados. Concordeu. Acrescentei, ainda, que, em minha opinião, o menino que corria era ele mesmo, perguntou-me como tinha adivinhado. Brinquei e perguntei se zombava de mim. Ambos rimos muito.

Parece-me que uma boa análise sempre chega a um ponto em que o sujeito expande sua capacidade de falar e de associar livremente. Às vezes, temos de verificar em que medida esta capacidade existe e, eventualmente, trabalhar para reconstruí-la ou ampliá-la antes que a livre associação transforme-se em modo de comunicação habitual. Um terceiro e talvez último passo será transformar lembranças em história pela compreensão das ligações entre elas e os desejos atuais, inclusive na transferência, o que só pode ser obtido pelo trabalho íntimo do analista sobre sua contratransferência.

As brincadeiras violentas de Jeremias mudaram muito, o que atenuou sua própria violência, permitindo que fosse sublimada. Para esta criança, o problema não é mais o dismantelamento violento de suas percepções, sentimentos e partes do corpo, nem a permanência da violência incontrolável da identificação projetiva ou da violência de sua história familiar. É, de maneira mundana, a violência que os caçadores exercem contra os animais ou, como disse Jeremias, que todos os caçadores do planeta exercem contra todos os animais do planeta. Em outras palavras, a violência que os seres humanos sempre infligiram à natureza e vice-versa. Jeremias assinalou que os seres humanos podem ser uma ameaça ao planeta e a si mesmos. Ele é muito engraçado quando, com um ar professoral, me conta os filmes ecológicos que viu. Seu “estranho navio dos estrangeiros” é tão contemporâneo quanto mitológico.

Os seres humanos devem proteger a si mesmos do inumano interior: é disto que tratava o autismo de Jeremias e é neste ponto que se relaciona com o nosso próprio. O homem como lobo para o homem é do que se trata na paranóia de Jeremias e, desta forma, confunde-se com a nossa própria. *Andron paranoia*: a humana loucura, comum a todos nós, como também o autismo como proteção problemática contra esta loucura, com o qual nos protegemos de nós mesmos. Foi aqui que começamos.

Agradecimentos

Sou grato a Murray Jackson e Paul Williams por seus comentários na primeira versão deste trabalho. Simone Bateman e Paula Barkay leram cuidadosamente e trabalharam nas versões posteriores.

Resumos

La generalización del término “autismo”, desde su formulación por Bleuler en 1911, debido principalmente a su utilización por Kanner en 1943 y lo rehecho por autores de inspiración kleiniana, implica problemas que nos equivocan, confundiendo nuestra percepción y entendimiento de las realidades clínicas. Nuestras posibilidades psicoanalíticas pueden aumentar a través de un claro conocimiento de la historia del psicoanálisis, una aproximación dinámica a la clasificación psicoanalítica y a los problemas relacionados con el setting. Basándose en un caso el autor muestra como un niño y su familia elaboraron síntomas autísticos y propone nuevas aproximaciones para algunos conceptos psicoanalíticos.

Palabras llave: Autismo, psicosis, historia, narcisismo, identificación, encuadre, psicoanálisis

La généralisation du terme “autisme”, dès sa formulation par Bleuler en 1911, due surtout à son utilisation par Kanner en 1943 et sa nouvelle version par les auteurs d’inspiration kleinienne, implique des problèmes qui nous trompent et confondent notre perception et notre compréhension des réalités cliniques. Nos possibilités psychanalytiques peuvent être élargies par une connaissance claire de l’histoire de la psychanalyse, par une approche dynamique de la classification psychiatrique et des problèmes concernant notre conception du cadre. Basé sur un cas, l’auteur montre comment un enfant et sa famille ont élaboré les principaux symptômes autistiques. Il propose des nouvelles approches de quelques concepts psychanalytiques.

Mots clé: Autisme, psychose, histoire, narcissisme, identification, cadre, psychanalyse

Since its formulation by Bleuler in 1911, the generalisation of the term “autism”, mainly due to its use by Kanner in 1943 and its remake by authors of kleinian inspiration, implies problems which mislead us, blurring our perception and understanding of clinical realities. Our psychoanalytical possibilities can be enlarged by a clear knowledge of the history of psychoanalysis, a dynamic approach of psychiatric classification and to problems related to our conception of the setting. On the basis of a case history the author shows how a child and its family worked through major autistic symptoms and proposes new approaches to some psychoanalytical concepts.

Key words: Autism, psychosis, history, narcissism, identification, setting, psychoanalysis